

Um copo de cólera: um estudo das relações de gênero sob o viés foucaultiano

Thais Regina Pinheiro Gimenes*

Resumo: Em *História da sexualidade*, terceiro volume, *O cuidado de si* (1985), Foucault trabalha com alguns conceitos básicos: os *aphrodisia*, os cuidados com o corpo e a saúde, obrigações e deveres dos cônjuges no casamento, a mulher/esposa na relação conjugal, a relação que se pode ter com os prazeres sexuais, o uso que deve ser feito deles, e o amor pelos rapazes. Esses conceitos implicam abster-se, controlar-se, em relação ao sexo, que, por conseguinte, adquire uma explicação moral. Assim, penso confrontar alguns conceitos de Foucault com a situação da mulher num texto da ficção contemporânea brasileira, *Um copo de cólera* (1992), de Raduan Nassar. Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar sob os preceitos foucaultianos as relações entre homem/mulher, num quadro de conflitos que podemos considerar atuais na intenção de contribuir para a crítica dos estudos discursivos sobre a mulher.

Palavras-chave: Foucault; estudos de gênero; ficção contemporânea.

Abstract: *Um copo de cólera: a study of the relations of genre under the Foucault's inclination. In the History of sexuality, third volume, The care of the self (1985), Foucault approaches some basic concepts: aphrodisia, the care of body and health, spouse's obligation and duty in the marriage, the woman/wife in the marital relation, the relation that comes from sexual pleasure, how the sexual pleasure must be used, and the love by guys. Those concepts are involved in refraining the sex. Consequently, approaching these concepts, Foucault brings out a moral explanation for each one. Thus, I think about confronting some of Foucault's concepts with woman situation presented in text of a Brazilian contemporary fiction, Um copo de cólera (1992) by Raduan Nassar. In this perspective, this article aims to analyze under Foucault's prescripts the relations between man and woman, inside a conflict scene that we can consider current, and to intend to contribute to the criticism of discursive studies about woman.*

Key-words: Foucault, genre study, contemporary fiction.

Introdução

Em *História da sexualidade*, terceiro volume, *O cuidado de si* (1985), Michel Foucault trabalha com os seguintes temas: os *aphrodisia*, os cuidados com o corpo e a saúde, obrigações e deveres dos cônjuges no casamento, a mulher/esposa na relação conjugal, a relação que se pode ter com os prazeres

* Mestranda em Letras – Estudos Literários na Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: thatybethaty_8@hotmail.com.

sexuais, o uso que deve ser feito deles, e o amor pelos rapazes. Esses conceitos implicam abster-se, controlar-se, em relação ao sexo, o que, por conseguinte, impõe a conduta sexual uma dimensão moral. Desse modo, penso, neste artigo, confrontar alguns conceitos de Foucault com a situação da mulher num texto da ficção contemporânea brasileira, *Um copo de cólera* (1992), de Raduan Nassar, que se distribui em sete capítulos, um completando o sentido do outro. Os primeiros capítulos, apesar de curtos, são como que o preâmbulo do capítulo final, que é mais denso. O enredo é construído a partir de um jogo psicológico, com um mínimo de peripécias, por um narrador autodiegético. A narrativa gravita em torno de três dias intensos na vida de uma jovem jornalista e de um homem de meia-idade, ambos materialmente remediados, com certa formação intelectual.

Certa manhã, num sobrado na chácara dele, no interior de São Paulo, depois de uma noite tórrida de amor, a tranqüilidade do casal é interrompida por um motivo aparentemente banal e os dois iniciam uma discussão, presenciada pelos caseiros. Assim que ele descobre um rombo aberto por saúvas na sua cerca-viva, fica transtornado e daí em diante a cólera toma conta do personagem, que irrompe em agressões verbais, numa linguagem grosseira contra a namorada, depois que ela debocha da reação dele aparentemente exagerada ao estrago causado pelas formigas. A refrega culmina num rompimento temporário. Tal incidente desencadeará o período narrativo mais denso. Instaura-se, então, um diálogo áspero, que, aos poucos, revela a insegurança sexual e o alheamento político do macho, cujos valores apóiam-se sobre uma visão de mundo burguesa. Passa-se, então, a um debate ideológico, em que as posições dele são mais vulneráveis do que as dela. O machismo do homem contrasta com a sua fragilidade, que remonta aos laços familiares. A submissão aparente da mulher desfaz-se na superfície, uma vez que ela pensa, entende e reage.

Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar, com os preceitos foucaultianos, as relações homem/mulher, num quadro de conflitos que podemos considerar atuais, na intenção de contribuir para a crítica dos

estudos discursivos sobre a mulher. Para tanto, nos serviremos de textos de teóricos oriundos do pensamento pós-estruturalista e feminista.

Um copo de cólera: a situação do homem e da mulher sob uma perspectiva foucaultiana

Segundo Araújo (2001, p. 86), Foucault situa a “cultura de si” numa época caracterizada por

uma moral da renúncia, valorização da mulher e do casamento, estilo de vida baseado na reciprocidade, na fidelidade e na meditação voltada para os próprios atos. A relação conjugal é ressaltada; nela importa mais o amor do que a autoridade marital, ficando a relação homossexual em segundo plano.

Em síntese, Foucault assinala, em *O cuidado de si*, uma forma específica de relação sexual para a espécie humana, o “face a face” preconizada por Artemidoro, filósofo do séc. II d.C., que reconhece o ato sexual como uma relação de superioridade e inferioridade, num jogo de dominação-submissão, uma vez que o corpo do homem fica estendido sobre o da mulher. Nota-se, a partir disso, que a superioridade masculina adveio do próprio ato sexual, vale dizer, do exercício do poder sobre o outro. Em outros termos, cabia ao homem a perpetuação da espécie. No decorrer do tempo, o homem perdeu esse *status* de perpetuador da espécie, ao passo que a mulher deixou de ser tão “dependente” do sexo masculino, pelo menos (em alguns casos) em relação ao ato sexual procriativo; em virtude de novas técnicas de fertilização, ela pode recorrer à tecnologia moderna para procriar.

Na obra de Raduan, a superioridade do personagem se manifesta em três aspectos: físico, intelectual e material. O narrador-personagem parece desviar a atenção do leitor de sua situação de incapacidade de satisfazer sexualmente a amante ressaltando as suas características físicas e intelectuais a fim de confirmar sua superioridade, como uma espécie de subterfúgio para iniciar uma nova relação sexual. Diz ele: “me lave a cabeça, eu tenho pressa disso” (p. 22)¹, já envolvido no banho. Essa fala marca, talvez, um exercício do papel masculino, uma experiência de domínio, enquanto ela parece (apenas parece)

desempenhar uma posição inferior, mas dentro, na verdade, de um jogo de opressão/prazer, em que ambos, talvez, “modernamente” desfrutam. Quando ele a oprime, jogando, está, talvez, fazendo o que ela quer. Supõe-se que, quando se trata de sexo, não há “vencido” ou “vencedor”.

Na cena final da narrativa, no dia seguinte à discussão, ela retornou até a casa dele e o encontrou no quarto dormindo um “sono de menino” e, subitamente, tomada por um ímpeto de ternura, se aprontou para se “abrir inteira e prematura pra receber de volta aquele enorme feto” (p. 85), pois não seria a primeira vez que ela atenderia aos seus caprichos. Para Beavouir (1980 *apud* ZOLIN, 2003), o ato sexual obriga a mulher a cumprir o seu papel de objeto passivo, que concorre para a perda de sua subjetividade. Millet (1970 *apud* ZOLIN, 2003) acredita que, assim como Sartre e Beavouir, a mulher aceita a opressão que lhe é imputada, uma vez que toda manifestação de poder exige o consentimento do oprimido.

Nessa perspectiva, Foucault aborda os efeitos da abstinência sexual nos homens e nas mulheres. Uns criticam, no caso dos homens, a abstinência sexual que pode acarretar doenças e distúrbios; outros, no caso das mulheres, defendem a abstenção total dos prazeres sexuais, já que eram destinadas ao casamento e à procriação. Essas discussões acerca da virgindade ainda prevalecem no mundo moderno. Mas a virgindade não é mais vista como um tabu, uma norma imposta pela sociedade, mas sim como uma escolha, uma opção de vida. Na sociedade moderna, a mulher passa a assumir uma atitude mais ativa no que diz respeito às questões sexuais. Posiciona-se como uma cidadã reivindicadora de seus direitos femininos.

Em *Um copo de cólera*, a fala da personagem marca um exercício do papel feminino, visto que ela se posiciona como uma jornalista politicamente atuante: “além, claro do susto que te provooco como mulher que atua” (pp. 63-64). Além disso, as atitudes dela apontam, talvez, uma cobrança de sexo mais intenso, o que a coloca como uma mulher atual, mas reivindicadora de seus “direitos” femininos. De fato, ela repreende o parceiro por “não atuar na cama com igual temperatura [com a mesma ardência que emprega no extermínio das formigas]” (pp. 34-35). A Nova Mulher, segundo Telles (2000), sexualmente

independente, tendo tido maiores oportunidades de estudo, na medida em que avançava nas carreiras profissionais, criticava a insistência da sociedade no casamento como única opção de vida.

O que se coloca como uma questão urgente é a situação da mulher na vida contemporânea: depois que ela renegou a antiga concepção do feminino teve de agir “como homem”, precisando conquistar a sua liberdade na sociedade. Daí, com efeito, a problemática da mulher do século XX, que vive um conflito entre a “liberdade conquistada” e a estrutura tradicional da sociedade. Esclarecendo esse raciocínio, Márcia Denser (1993) explica que a libertação da mulher não é um fenômeno isolado, ela depende de quatro fatores: do sistema familiar-social, da produção de trabalho, da sexualidade e da procriação. Com a descoberta da pílula anticoncepcional que permitiu a mudança da condição biológica da mulher, tornou-se possível a dissolução entre sexualidade e procriação, mas ainda há um longo trajeto para percorrer.

Explica Engel (2000) que, no final do século XIX, partia-se do princípio de que o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, a mulher que sentisse desejo sexual seria classificada como *anormal*. Entretanto, a ausência de desejo não poderia conduzi-la à recusa do ato sexual, uma vez que isso a impediria de realizar a maternidade. A idéia de que o destino da mulher estava fadado à maternidade suscitou algumas pesquisas médicas, que reconheceram a existência e a necessidade do prazer sexual feminino, embora perpassada pela finalidade reprodutora.

Na problematização dos *aphrodisia*, Foucault aponta os textos dos dois primeiros séculos que circunscrevem os cuidados que se deve ter consigo mesmo. Esse tema do cuidado de si ainda é válido para os nossos dias, pois é importante praticar exercícios físicos, cuidar da saúde, do corpo, meditar, ler, evitar os prazeres em excesso. Logo, evitar os excessos a fim de respeitar a si mesmo. Contudo, nossa sociedade está vivenciando um momento narcisístico de culto às academias, ao corpo, à beleza e à moda. Ela evidencia a pluralidade de práticas e pensamentos diante de valores distintos. Em vista disso, cometem-se excessos de toda ordem: falta de cuidados com o corpo e a saúde, tais como, uso de entorpecentes, anabolizantes, comércio do próprio

corpo, ingestão de álcool em demasia e prazeres em excesso. Apenas agora o sentimento de culpa não interfere tanto.

O regime é uma arte de viver que, de acordo com Araújo (2001, p. 134), a partir de Foucault, se estende “à alimentação, à bebida, ao sono, às relações sexuais, aos exercícios, nos quais importa a intensidade, sua medida e natureza variando de acordo com o local, a duração e a temperatura”. Assim, no romance de Raduan, estamos diante de uma nova cultura de si, narcisística, na qual o personagem se auto-elogia com o objetivo de esconder a sua fraqueza ou limitação emocional ou sexual.

O casamento na civilização helenística e romana, na percepção de Foucault, era visto apenas como um negócio realizado entre o pai da moça e o futuro marido. A união matrimonial tinha como objetivo aumentar a fortuna das classes privilegiadas. Na época clássica, o matrimônio estava atrelado ao patrimônio. A finalidade do casamento restringia-se apenas à multiplicação dos bens e à procriação. A mulher era tratada como um objeto privado do pai, que tinha o poder de decidir sobre o seu destino. Na modernidade, a mulher ao tornar-se cada vez mais independente da figura masculina, passa a adquirir autonomia na opção de se casar e na escolha do marido. Contudo, no início do século XVIII, a situação não era muito diferente da época clássica, visto que o casamento entre as famílias burguesas, segundo Telles (2000), era uma forma de manutenção do *status*. O ideal de mulher casada da família burguesa era ser esposa amantíssima e mãe zelosa com os filhos. Os pais esperavam que as filhas encontrassem um *bom partido* para se casar e garantir o seu futuro, isso, conseqüentemente, contrariava as aspirações das mulheres de obter êxito profissional. A mulher deveria se restringir à esfera privada, vista como natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos, evitando qualquer contato que pudesse atraí-la para o mundo público, ao passo que o homem deveria se restringir à esfera pública, considerada exclusivamente masculina. Portanto, a mulher, na sociedade patriarcal, era vista como propriedade masculina. Ela se encontra subordinada ao homem no âmbito político, profissional e cultural. Para Muraro (2005), a opressão feminina e a dominação masculina são um fato cultural.

Em certos momentos de *Um copo de cólera*, a mulher consegue superar o protagonista na argumentação verbal, respondendo com sagacidade durante toda a discussão; em outros, ela contraria alguns pontos da narrativa, sujeitando-se ao sexo masculino, como, por exemplo, na cena inicial do romance em que o narrador-personagem chega em sua chácara, e ela já está ansiosa, à sua espera. Nesse sentido, o protagonista assume o papel de “macho superior”, revelando uma situação milenar, uma vez que é ela quem vai até a casa dele. Na cena final do romance, depois da discussão, ela retorna até ela afirma; afinal os dois acabavam sempre resolvendo as suas diferenças na cama. a casa dele, pois já estava acostumada a atender aos seus caprichos, como

A partir de textos clássicos, Foucault pondera que o casamento, enquanto vínculo conjugal, passa a ser, ao mesmo tempo, como uma relação pessoal e o lugar exclusivo das relações de prazer. O casamento seria o *locus* apropriado para a prática dos *aphrodisia*. De fato, trata-se de um fundamento ético que é, muitas vezes, encarado como precursor do cristianismo. Na sociedade atual, tanto o homem quanto a mulher têm, em certa medida, o livre-arbítrio para o exercício dos prazeres sexuais. A mulher do romance de Raduan posiciona-se como uma mulher sexualmente ativa, politicamente atuante, reivindicadora de seus direitos femininos. Ela se coloca como uma mulher atual, exigindo do parceiro uma atitude mais ativa na cama, assim como ele empregou no extermínio das formigas. Em vista disso, essa era a queixa que ela lhe fazia: “eu não tive o bastante, mas tive o suficiente” (p. 26).

Em vista das relações matrimoniais do período clássico, a mulher-esposa adquire independência e passa a ter mais valor, constituindo ao lado do marido uma unidade em comum. Na sociedade moderna, os direitos e os deveres da mulher ampliam-se e ela obtém mais espaço na sociedade nos âmbitos político, econômico e social. Essa multiquificação da mulher pode afetar a auto-estima do homem, seu condicionamento machista de achar-se mais atuante do que ela. Parece natural que recuse ver na mulher capacidades iguais ou superiores à sua. No caso do texto de Raduan, como o protagonista está numa situação financeira privilegiada, faz questão de exercer o seu

domínio sobre os empregados, o que desencadeia uma discussão na qual ela o compara aos fascistas: “eu não entendo como você se transforma, de repente você vira um fascista” (p. 38). Instaure-se, a partir daí, uma discussão de ideais políticos, filosóficos e existenciais, revelando antigas diferenças afetivas até então ocultas, alcançando o mundo de conflitos psicológicos que irão expor as fraquezas de cada um deles. O narrador-personagem não aceita que ela demonstre, que tenha inteligência superior à sua, embora reconheça isso em certos momentos da narrativa, mas com a ressalva de que ela só aprendera o que sabe com ele. Não admite perder, como se isso afetasse, ao que parece, sua masculinidade.

Foucault, a partir de textos gregos e latinos, ressalta os deveres e as obrigações dos cônjuges no casamento. Na época clássica, a sociedade era patriarcal, competia ao homem prover o sustento da casa, da mulher e dos filhos; à mulher, por sua vez, competia respeitar e obedecer ao marido, cuidar da casa e dos filhos. Na contemporaneidade, os deveres do homem e da mulher ainda subsistem, mas com a ressalva de que não há tarefas exclusivas para cada um, uma vez que as funções dos cônjuges se inverteram. A mulher teve de sair de casa para ajudar na complementação da renda familiar, e o homem teve de assumir a manutenção da casa. A sociedade patriarcal, que tinha o homem como provedor exclusivo do lar, tornou-se, em alguns casos, matriarcal, pois o homem sozinho não conseguia prover o sustento da família. Percebe-se, nesse caso, que alguns princípios ou situações da Antigüidade clássica ainda estão arraigados na cultura da sociedade atual. No entanto, esses princípios não podem ser aplicados pacificamente e diretamente, via de regra, à modernidade, em virtude das situações que condicionam o homem e a mulher contemporâneos. A arte de ser casado, entretanto, segundo Foucault, não implica, simplesmente, deveres, mas sim exige do casamento certa conduta, em que cada um pode ter o seu papel, e juntos formam uma existência em comum.

No romance de Raduan, o narrador-personagem, a princípio, nos faz considerá-lo culturalmente justo quando ele cumprimenta a amante por sua inteligência chamando-a de “jornalista exímia”, reconhecendo a capacidade

dela, mas instintivamente machista. Ao passo que a mulher não perde a oportunidade de lembrá-lo de que ele não fez curso superior, e aproveita para tripudiar ao chamá-lo ironicamente de “mestre”, demonstrando que ela também tem seus preconceitos: “era antes pela obsessiva teima em me *castrar*, me chamando de ‘mestre’, sim, mas me barrando como sempre, por falta de títulos, qualquer acesso ao entendimento, a mim, um ‘biscateiro graduado’ (que sabia a pilantra das minhas transas de trabalho?)” (p. 45). Dessa forma, a mulher, nesse caso, é supostamente mais esclarecida do que o homem, uma vez que ela teve mais oportunidades de formação; ele, por sua vez, parece não ter tido as mesmas oportunidades, embora tenha uma situação financeira estável. Constatase, de fato, no romance, que a relação sexual deixa de ter um caráter procriativo e passa a ter um fim em si mesma, contribuindo para a ruptura da estrutura matrimonial preconizada pela época clássica. A relação do casal tem como objetivo o hedonismo como fim de todas as coisas. Ao homem compete antes dar prazer a sua parceira, e a mulher, por sua vez, satisfazer os caprichos do amante, numa posição de inferioridade com vistas a um jogo erótico-amoroso ao qual os dois fazem parte, caracterizando assim um estilo, uma maneira de viver em comum. O casamento não é mais encarado como lugar exclusivo para a prática dos *aphrodisia*, uma vez que a relação do casal preza pelo sexo. Isso implica uma nova cultura de si, baseada no prazer individual e imediato como único bem possível, princípio e fim da vida moral.

Nos diálogos de Plutarco e do Pseudo-Luciano, Foucault confronta os discursos de Cárcles e Calicrátidas que refletem duas formas de existência. De um lado, o amor pelas mulheres, que legitima os *aphrodisia* na relação entre os esposos. De outro, o amor pelos rapazes desprovido da *charis* (graça), que possibilita o vínculo conjugal associado ao prazer físico para atingir a forma completa dos *aphrodisia*. Assim, o amor pelos rapazes é um amor *acharistos*, ao qual falta “a graça”. Na novela *Um copo de cólera*, o protagonista não consegue superar a argumentação da amante na discussão; ela, então, nos momentos em que ele recua, em toda sua altivez, ataca a virilidade dele chamando-o de “bicha” para baixar-lhe a guarda, pois, talvez, tenha

consciência de que as limitações de masculinidade afetam o poder do homem, ofende-o.

No período clássico, o sexo encontra no casamento e no vínculo conjugal entre homem e mulher o *locus* adequado para a prática dos *aphrodisia* em sua plenitude e, por isso o amor pelos rapazes é considerado imperfeito, incompleto comparando-se ao amor dos esposos, pois lhes falta o prazer físico, princípio imposto pelos *aphrodisia*. Para Araújo (2001), para que a prática sexual não desregule a relação de si para consigo, é preciso que seu lugar por excelência seja o casamento, a fim de que a atividade sexual seja controlada. No que tange ao romance, a relação do casal configura-se na prática dos *aphrodisia* sem um vínculo matrimonial, uma vez que a relação é regulada pelo uso dos prazeres. Logo, no início da novela, o casal vai para o quarto sem pronunciar uma palavra, já envolvido por aquela atmosfera de sedução e erotismo, talvez, por isso, não tivesse necessidade de dizer palavra alguma.

Em suma, na cultura de si importam “a mulher e o casamento, os prazeres demandam regimes e o amor homossexual é menos valorizado” (ARAÚJO, 2001, p. 144).

Considerações finais

O estilo foucaultiano é literário, uma vez que o texto sobeja em narrações, metáforas, epigramas, versos que fazem desse filósofo um bom escritor. A teoria de Foucault baseia-se no estudo das formas como os indivíduos se constituíram como sujeitos em diversos momentos da história, problematizando suas próprias condutas e, a partir disso, sua relação com a verdade. A verdade que, segundo Foucault, nada mais é do que uma mentira que não pode ser contestada em um determinado momento.

Deixou inacabado seu mais audacioso projeto, *História da sexualidade*, que problematiza em uma série de textos específicos o tema do corpo, o da casa, o da relação com a esposa, com os rapazes e do amor verdadeiro. Tais textos são mais do que manuais de postura, são formas de pensar as próprias condutas. O percurso foucaultiano leva em consideração a filosofia como forma

de vida, como experiência histórica. A história de nossa época, a história do presente feita por Foucault, é uma engenhosa análise da modernidade, embora ele nunca tivesse o propósito de ser historiador, no sentido de registrar o passado.

Sujeito, verdade, poder, saber e ética: esses são os temas sob os quais o pensamento de Foucault articula-se. Cabe ao filósofo não a busca da verdade, mas, seguindo uma linha nietzscheana, fazer um diagnóstico dos processos, forças e movimentos atuais da história.

Destarte, a teoria de Foucault baseia-se numa investigação dos dispositivos da sexualidade, realizando uma crítica genealógica da ética ocidental, através das (re)definições da relação do sujeito consigo mesmo e com o próprio sexo. Não há evidências para mostrar que a hipótese de Foucault (dialogando com outros autores) acerca da sexualidade seja a mais correta, mas, sem dúvida, contribuiu com observações notáveis àqueles que estudam a relação do sujeito consigo mesmo e com a própria conduta sexual.

Logo, a singularidade da novela se revela nesse conflito sexual e ideológico em que, pela suposta honestidade do narrador, não se pode falar em “vencedor” e em “vencidos”. Temos, assim, um homem e uma mulher modernos, frutos de uma época de valores conflituosos, no qual o jogo se apresenta de uma forma natural e perene em função das condições e situações que condicionam o homem e a mulher contemporâneos.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, I. L. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

DENSER, M. O animal dos motéis: o discurso feminino sobre o sexo reinventado. In: COELHO, N. N. (Org.). *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993, pp. 249-255.

ENGEL, M. Psiquiatria e feminilidade. In: PRIORE, M D. (org.) e BASSANEZI (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000, pp. 322-361.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão de José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

MURARO, R. M. "História da mulher e o *Malleus Maleficarum*". Disponível em: <www.midiaindependente.org.> Acesso em: 22 nov. 2005.

NASSAR, R. *Um copo de cólera*. 5. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

TELLES, L. F. Mulher, mulheres. In: PRIORE, M D. (org.) e BASSANEZI (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000, pp. 401-442.

ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, T. (org.) e ZOLIN, L. O. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 21. ed. Maringá: Eduem, 2003. pp. 161-183.

Notas

¹ NASSAR, R. *Um copo de cólera*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Todas as citações posteriores referem-se à mesma obra.